

Noite, árvores, chuva...

DN 14.4.67
RN 94
FLU, julho 81
C. Povo 19.12.82
(M 554 e 556)
Na África, entre mangueiras
e manacas

DOIS dias no Cairo, um em Nairobi, e chego a Entebe em um grande avião inglês, no meio da noite, com essa insônia fatigada dos viajantes desorganizados. Fico alguns minutos aturdido no aeroporto, olhando através dos vidros na vaga esperança de ver o lago Vitória que sei que é aqui ao lado: vi no mapa.

Alguém deve estar me esperando, mas como ninguém me procura vou para o balcão do bar — e já estou no segundo uísque quando ouço o meu nome gritado pelo alto-falante. O cavalheiro que me recebe fala uma língua que não me parece estranha, um pouco brusca e de vogais fechadas; como vinha falando inglês, meu precaríssimo inglês, a bordo, com o vizinho de poltrona, respondo em inglês — e só depois de conversar alguns minutos chegamos à conclusão de que temos outra língua em comum: o português. Muito gentilmente as autoridades de Uganda designaram para me esperar um funcionário que fala português — um português não muito reconhecível às primeiras palavras porque é de Goa, menos do que isso, é de filho de goano já nascido neste centro da África. Ele cuida de minha bagagem, me apresenta a alguém do Protocolo e afinal me instala em um grande Chevrolet, já com uma bandeirinha brasileira empinada na frente, pilotado por um velho negro, e se despede. Devo ir dormir em Campala, que a partir de amanhã será a capital de Uganda independente; apenas o governador-geral ficará em Entebe, representando o Chefe de Estado, a Rainha da Inglaterra; mas não governará mais nada.

A viagem é de 30 ou 40 minutos; chove um pouco e a noite é escura; encolho-me a um canto do carro, num leve torpor que não chega ao sono porque sinto frio. E então imagino que não estou viajando por

uma estrada desconhecida, no centro da África, mas em alguma estrada brasileira, talvez no Rio Grande do Norte, talvez no Espírito Santo. Há alguma coisa no ar, nas sombras das árvores, um instante varridas pelo farol do carro nesse meu torpor, que me devolve ao Brasil, a qualquer estrada noturna do Brasil, que tantas já não varei através dos anos, das reportagens, dos passeios.

Sinto-me embalado em lembranças antigas, como se estivesse cochilando em uma rede, numa fazenda, embaixo de uma mangueira. Mangueira... Parecia mangueira uma grande árvore gorda que divisei; e esse cheiro que, apesar do vento frio, tem alguma coisa de cálidamente familiar, este é um cheiro de terra, de flores, de folhas molhadas do Brasil.

Dois dias depois, voltando a viajar por essa estrada à tardinha, para uma recepção dos Duques de Kent, é que vejo que a mangueira do meu sonho era mangueira mesmo — e no meio de eucaliptos e de algumas árvores desconhecidas encontro acácias, *flamboyants*, bananeiras, cajueiros, jaqueiras, cafeeiros, jacarandás, pés de fruta-pão. Estamos a 1.700 metros de altitude, mas a linha do Equador passa aqui bem junto de Entebe; e mais tarde, viajando para leste até a fronteira do Congo, fui encontrar, entre léguas de savana monótona e bordas altíssimas de estranhas crateras entupidas de florestas ou transformadas em lagos de sal ou de enxôfre, depois de viajar entre algodoais e mandiocais avistando longe os cimos de uma montanha coberta de neve — curvas de caminho ensombradas, como antigos subúrbios do Recife, pelas mangueiras e pés de fruta-pão, ou abençoadas pelo cheiro das damas-da-noite como qualquer ruazinha burguesa de Belo Horizonte, antigamente...

er

um

M 556 - 15.12.62